

O USO DE SIGNOS EMERGENTES E AS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Leila Saraiva Mota¹
Arlete Marinho Gonçalves²

RESUMO

O presente estudo traz a discussão acerca das implicações das Línguas emergentes para o processo de ensino e aprendizagem de estudantes Surdos da Educação Básica, especialmente, no ensino médio do município de Bragança-PA. Este estudo provoca reflexões relativas às línguas minoritárias, como é o caso da Língua brasileira de sinais, pertencente às comunidades surdas do Brasil. A problemática levantada é a de que os Surdos da área urbana de Bragança não contam, em sua maioria, com intérpretes de LIBRAS na escola e fazem uso de signos emergentes-caseiros para se comunicar. Como objetivo geral o estudo se debruça em analisar os signos emergentes utilizados pelos Surdos do ensino médio do centro urbano de Bragança-PA e as implicações ou influências na aprendizagem. Nesse cenário, concluiu-se que o uso das línguas emergentes por Surdos, em comunidades urbanas, implicam em dois pontos, um positivo e um negativo; o positivo é que os signos emergentes-caseiros constituem um sistema linguístico legítimo, tem valor real na cultura Surda, e tem uma importância para afirmação da identidade Surda, enquanto que o ponto negativo implica no impedimento do desenvolvimento da escrita dos estudantes Surdos, a escrita exige uma habilidade que demanda um vocabulário mais amplo dos estudantes surdos para a compreensão dos conteúdos apresentados nas salas de aulas.

Palavras-chave: Sinais Emergentes. Educação de Surdos. Ensino Médio.

THE USE OF EMERGING SIGNS AND THE IMPLICATIONS ON SCHOOL LEARNING

ABSTRACT

The present study discusses the techniques of emerging languages for the teaching and learning process of Deaf students in Basic Education, especially in high school in the city of Bragança-PA. This study provokes reflections on minority languages, as is the case of Brazilian sign language, belonging to deaf communities in Brazil. The concern raised is that the Deaf in the urban area of Bragança do not have, for the most part, LIBRAS interpreters at school and use emerging-home signs to communicate. As a general objective, the study focuses on analyzing the emerging signs used by the Deaf in high school in the urban center of Bragança-PA and the voluntary influences on learning. In this scenario, it was concluded that the use of emerging languages by Deaf people in urban communities implies two points, one positive and one negative, the positive is that home-emerging Signs constituted a legitimate linguistic system, have real value in the culture Deaf, and is important for the affirmation of the Deaf identity, while the negative point implies impeding the

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) Mestre em Linguagens e Saberes da Amazônia (UFPA). Professora de Língua Brasileira de Sinais-Libras, da Universidade Federal do Pará-UFPA, Campus-Bragança. E-mail: profleilamotta@gmail.com

² Doutora em Educação (UFPA), Mestre em Educação da Linha "Formação de professores" (UEPA). É professora da Universidade Federal do Pará da Disciplina "LIBRAS" e "Educação Especial Professora do Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPG CIMES/NITAE/UFPA), na linha de interesse inclusão, acessibilidade e representações sociais. É coordenadora de Acessibilidade da UFPA, Portaria N 639/2020. E-mail: arletmg@ufpa.br.

development of writing by Deaf students, writing requires a skill that requires a broader instructor of deaf students to understand the content presented in classrooms. classes.

Keywords: Emerging Signals. Deaf Education. High school.

Data de submissão: 12.05.2023

Data de aprovação: 21. 03. 2023

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo apontar a partir da visão dos alunos Surdos as Influências ou implicações do uso de signos emergentes na aprendizagem escolar no ensino médio dos Surdos do centro urbano de Bragança/PA. Conforme Santos (2010) a aprendizagem é um processo constante que pode acontecer em qualquer momento. Nessa perspectiva, podemos afirmar que um dos princípios fundamentais do aprendizado é a tradição cultural, pois ela forma o indivíduo através de suas relações com o ambiente. Moreira (2013) destaca três tipos distintos gerais de aprendizagem, vejamos:

Cognitiva, afetiva e psicomotora. A aprendizagem cognitiva é aquela que resulta no armazenamento organizado de informações na mente do ser que aprende, e esse complexo organizado é conhecido como estrutura cognitiva. A aprendizagem afetiva resulta de sinais internos ao indivíduo que pode ser identificada com experiências tais como prazer e dor, satisfação, descontentamento, alegria ou ansiedade. Algumas experiências afetivas sempre acompanham as experiências cognitivas. Portanto, a aprendizagem afetiva é concomitante com a cognitiva. A aprendizagem psicomotora envolve respostas musculares adquiridas por meio de treino e prática, mas alguma aprendizagem cognitiva é geralmente, importante na aquisição de habilidades psicomotoras. (MOREIRA, 2013, p.151-152).

Em relação aos três tipos de aprendizagens apresentadas por Moreira (2013), somente a cognitiva e efetiva podem se adequar às discussões que serão tratadas nesta pesquisa, pois ambas estão interligadas e se adequam ao conteúdo levantado por meio da análise de conteúdo e semântica. Foram entrevistados por meio do *googlemeet* 6 (seis) alunos Surdos, matriculados em escolas do ensino médio da área urbana. As entrevistas possibilitaram construir 2 (duas) categorias de análise acerca das implicações dos signos emergentes na aprendizagem escolar, que foram: 1) Os sinais caseiro-emergentes na aprendizagem dos conteúdos nas disciplinas escolares: contribui ou prejudica? ; 2) Dificuldades com uso de signos híbridos ou não e a transposição para a modalidade escrita.

1 OS SINAIS CASEIRO-EMERGENTES NA APRENDIZAGEM DOS CONTEÚDOS NAS DISCIPLINAS ESCOLARES: CONTRIBUI OU DIFICULTA?

A primeira pergunta realizada aos alunos foi sobre o uso das Línguas emergentes na sua aprendizagem em sala de aula. A pergunta retrata a questão: Quais contribuições os sinais caseiro- emergentes favorecem na aprendizagem dos conteúdos das disciplinas escolares? (*Em Libras*: Sinais caseiros ajudar compreender conteúdo escolar? Aprender conteúdo sala de aula usar sinais caseiros, como?).

As respostas dos alunos Surdos foram as seguintes:

Participantes	Respostas em Libras	Tradução em Língua Portuguesa
J.D	<i>“Entender sim, sinal casa, libras diferente, amigos ouvintes grupo ajuda sinal usa escola aprender, entender, mas falta significados”.</i>	<i>Entendo sim, os sinais caseiro é diferente da libras, mas os sinais usado na escola os meu amigos ouvintes me ajuda e eu consigo aprender, mas eles não sabem explicar significados.</i>
K.M	<i>“Sinal casa palavra gostar, usar sala de aula alguns, bom, entende”.</i>	<i>Eu gosto dos sinais caseiros, e uso alguns na escola.</i>
R.F	<i>“Entender, disciplina amigos conversar escola, casa sinal bom, libras bom, falar não”.</i>	<i>Entendo a disciplina e amigos, eu converso na escola e uso sinal caseiro e libras, mas não gosto de comunicar oralizando.</i>
T.H	<i>“Pouco sinal casa, entender bom, atividades responder”.</i>	<i>Para responder as atividades na escola eu uso pouco sinais de caseiros, dar pra entender em algumas atividades.</i>
M.L	<i>“Sinal casa diferente intérprete, verdade, às vezes confuso, ajuda atividades entender, bom”.</i>	<i>Muitos sinais caseiros são diferentes dos sinais do intérprete de libras, às vezes confunde, mas o intérprete de libras ajuda nas atividades, entendo bem.</i>
H.S	<i>“Gosto Libras intérprete sempre, sinal casa bom, tema aula sinal, lembrar, aprender importante, costume”.</i>	<i>Eu sempre gosto dos sinais usado pelo TILS, é importante aprender para entender o tema da aula, mas eu gosto dos sinais caseiro, já acostumei.</i>

Fonte: Mota, 2020.

Nas respostas dadas pelos Surdos, observamos duas categorias semânticas: 1) Os signos emergentes e a aprendizagem na relação com o cotidiano e 2) Os signos híbridos ou interlíngua: uso de sinais emergentes-caseiros conjugados com a Libras.

2 OS SIGNOS EMERGENTES E A APRENDIZAGEM NA RELAÇÃO COM O COTIDIANO

Nas respostas oriundas dos alunos Surdos, dos 6 entrevistados, 4 deles afirmam que o uso de sinais caseiros ajuda a compreender o conteúdo, eles entendem a aula e conseguem fazer associação com seus costumes e com palavras do cotidiano. Vejamos os fragmentos:

“Entender sim, sinal casa, libras diferente, amigos ouvintes grupo ajuda sinal usa escola aprender, entender” [...] (J.D).

*“Sinal casa palavra gostar, usar sala de aula alguns, bom, entende” (K.M)
“Entender, disciplina amigos conversar escola, casa sinal bom [...]” (R.F).*

*“[...] sinal casa bom, tema aula sinal, lembrar, aprender importante, costume”.
(H.S).*

De acordo com os alunos, o que eles aprendem com os sinais emergentes-caseiros, facilita a aprendizagem, pois alguns já estão acostumados e conseguem fazer essa diferença entre línguas emergentes e Libras em contato com intérpretes e colegas ouvintes.

É importante ressaltar que as Línguas de sinais emergentes-caseiros fazem parte de uma tipologia de línguas de sinais, e normalmente são utilizadas pelos Surdos para se comunicarem no ambiente familiar e em determinados espaços sociais, pois muitos não conhecem a Libras. Por exemplo: um dos sinais emergentes-caseiros mostrados pelos estudantes Surdos de Bragança é o sinal de “pão”, esse sinal é usado comumente tanto pelas famílias dos Surdos como também pelo atendente de onde os Surdos frequentam para comprar pão, só exemplificando para mostrar que as Línguas de sinais emergentes-caseiros

também podem ser usadas em outros ambientes sociais, além da casa e escola do Surdo. Comumente não se discute essa questão por conta de vários estereótipos que foram construídos acerca da pessoa Surda.

Esse conhecimento linguístico usado pelos Surdos antes de iniciar a sua vida escolar é essencial no processo de aprendizagem e alfabetização tanto da Libras como da Língua portuguesa-L2. Para Quadros (2004) a tarefa do ensino da LP torna-se possível se o processo for da alfabetização como segunda Língua-L2, sendo a Língua de sinais brasileira reconhecida e efetivamente a primeira Língua-L1. A escola torna-se, portanto, um espaço linguístico fundamental, pois normalmente é o primeiro espaço que a criança Surda entra em contato com a Libras.

De acordo com Fernandes (2013) geralmente acontece um confronto nesse novo conhecimento do Surdo em relação à aprendizagem da língua portuguesa, pois o Surdo precisa de referências próprias e valores que não conseguem assimilar na nova realidade linguística. É impossível não ter interferência da sua história linguística anterior na sua maneira de abordar essa nova língua. Por isso normalmente a escrita do Surdo é diferente de uma pessoa ouvinte.

De acordo com Teixeira (2000), a escola muitas das vezes ignora todo conhecimento linguístico que o Surdo traz de casa, com o objetivo de ensinar-lhe a Língua autorizada. Normalmente a escola parece não reconhecer essa proporção social e cultural e toda sua importância na aprendizagem dos Surdos em sala de aula, olhando para esse conhecimento linguístico de forma negativa. A Língua emergente por vezes é vista pelos profissionais que atuam na educação de Surdos de forma negativa, conforme foi afirmado anteriormente por Figueiredo (1995) a L1 não tem nenhuma interferência que irá prejudicar o processo da aprendizagem da L2, no caso dos Surdos a língua portuguesa é sua L2.

Portanto, como foi observado no conteúdo sinalizado pelos alunos, mesmo no ensino médio o uso de sinais caseiros proporciona o processo de aprendizagem, uma vez que é a língua mais próxima de seu cotidiano, apesar de eles retratarem que às vezes é “confuso”, ou que sentem necessidade de compreender melhor o significado.

Nessa direção, o meio termo entre o uso do signo emergente-caseiro e a Libras fica na interseção no ideal, que no debate da aquisição da língua ficaria na linha do uso híbrido, podendo fazer uso das duas formas ou uma interligada à outra ou mesmo o que a linguística denomina de “interlíngua”.

A interlíngua de acordo com Leite (2013) opera como um terceiro sistema independente da estrutura linguística da L1 e também da estrutura da L2 que está sendo adquirida. Nesse processo é possível observar elementos comuns usados na construção linguística da língua materna. Sobre essa questão o subtópico a seguir tratará melhor.

3 OS SIGNOS HÍBRIDOS OU A INTERLÍNGUA: USO DE SINAIS EMERGENTES-CASEIROS CONJUGADOS COM A LIBRAS.

O que chamou atenção nas respostas dos alunos foi o fato de considerarem importante o uso híbrido dos sinais, oscilando entre sinais caseiros e a Libras. Foi mostrado pelos estudantes Surdos a preferência na hora de se comunicar pelo uso tanto das Línguas de sinais emergentes-caseiros como da Libras, menos a oralização, porque não conseguem entender nada através do uso, sons específicos desse grupo. Vejamos nos depoimentos semânticos dos conteúdos:

“[...] libras diferente, amigos ouvintes grupo ajuda sinal usa escola aprender, entender, mas falta significados” (J.D).

“[...] libras bom, falar não” (R.F).

“Sinal casa diferente intérprete, verdade, às vezes confuso, ajuda atividades entender, bom” (M.L.).

“Gosto Libras intérprete sempre, sinal casa bom, tema aula sinal, lembrar, aprender importante, costume” (H.S.).

Podemos observar que os sinais emergentes-caseiros são usados também pelos colegas ouvintes para se comunicarem e realizarem atividades escolares. Foi apontado por eles, que as Línguas emergentes contribuem para responder às atividades e para *lembrar e aprender* alguns significados dos sinais da Libras. O que significa dizer que esse processo entre utilizar os signos emergentes e estar aberto à aprendizagem da Libras, proporciona afirmarmos que os Surdos de Bragança do ensino médio se encontram na relação híbrida na comunicação na sala de aula.

Para Fernandes (2019), a formação do signo híbrido é composta através da sintaxe, forma e discurso. É importante ressaltar que signos híbridos, são aqueles que revelam em sua formação a construção de sinais junto a outras combinações de fonologia. Cunha e Cintra *apud* Fernandes (2019, p. 115), definem hibridismo como “palavras que se formam de elementos tirados de línguas diferentes”.

O uso das Línguas de sinais emergentes-caseiros realizados pelos colegas ouvintes ocorrem pelo fato da maioria não ter acesso a estrutura linguística da Libras, igualmente como ocorre em casa com suas famílias, também na escola se faz uso das Línguas emergentes entre Surdos e ouvintes, como já foi mostrado pelos estudantes Surdos, inclusive no mapeamento que foi realizado nesta pesquisa.

Quadros *apud* Schmiedt (2004) chama atenção para um fator importante nesse processo de aprendizagem do Surdo, que é o processo de semelhanças entre Línguas; nesse processo, há vários momentos em que se faz necessária a análise implícita e explícita das diferenças e semelhanças entre a Língua de sinais brasileira e o português. Nesse sentido, há processos em que ocorre a tradução dos conhecimentos adquiridos na Língua de sinais, dos conceitos, dos pensamentos e das ideias para o português. O ensino do português pressupõe a aquisição da Língua de sinais brasileira – “a” Língua da criança Surda. A Língua de sinais apresenta um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem do português. A ideia não é simplesmente uma transferência de conhecimentos da primeira Língua para a segunda Língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados. Para Teske (2012) um bom programa bilíngue tem;

Um bom programa bilíngue tem duas características básicas: a combinação do ensino de conteúdos na língua materna e o desenvolvimento no letramento. Esses dois aspectos ajudam, de forma substancial, a aquisição de proficiência na segunda língua. Na medida em que a criança vai se tornando mais competente nessa segunda língua, ela aprende conteúdos utilizando uma linguagem mais contextualizada, por exemplo, matemática e ciências, em classes protegidas, ensinadas na segunda língua. Dessa forma, a classe protegida serve como uma ponte entre a instrução na primeira língua e a classe regular (TESKE, 2012, p. 63).

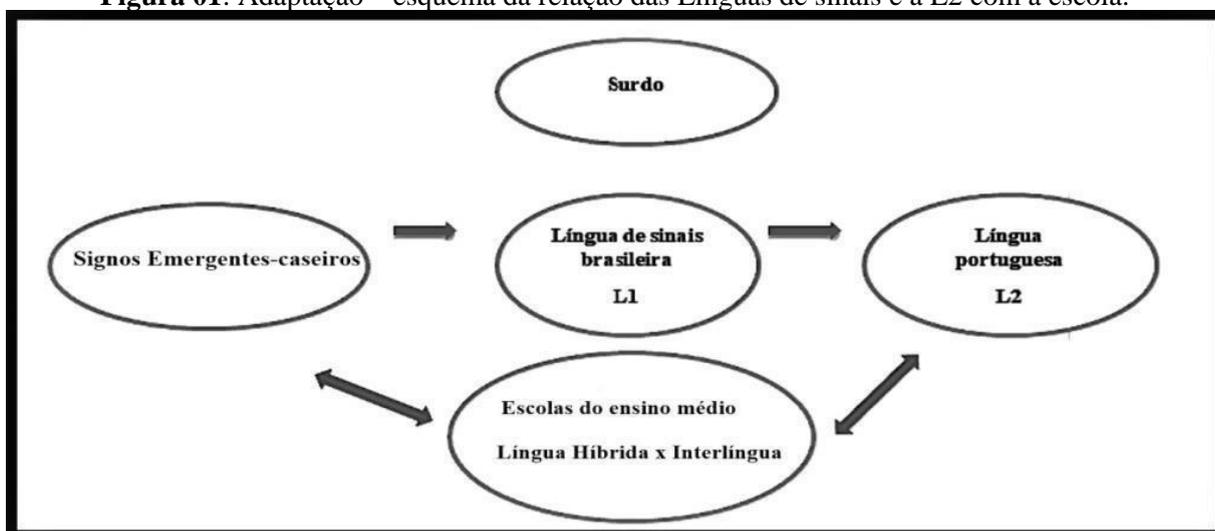
Há dois fatores que considero essenciais nesse estudo; o primeiro está relacionado ao conhecimento que os Surdos trazem de sua casa, que são os três tipos de conhecimentos que são fundamentais para o processo de alfabetização da L1, o conhecimento linguístico ou sistêmico, o conhecimento de organização textual e o conhecimento de mundo. O segundo fator é o processo de semelhanças para aprendizagem da L2, como mostrado anteriormente. As línguas de sinais emergentes-caseiros (L1), não são uma barreira ou impedimentos na

aprendizagem dos alunos Surdos, pelo contrário ela tem uma função essencial e possibilita o desenvolvimento, habilidades e interação dos Surdos com os alunos ouvintes.

A partir da concepção de Brammerts (1996), é possível observar que a aprendizagem ocorre a partir do contato com o outro, essa interação tem um papel essencial no aperfeiçoamento linguístico, além de contribuir para relações sociais. A aprendizagem não ocorre de forma isolada, essas trocas culturais possibilitam a construção do conhecimento, são essenciais para constituir a formação do sujeito social.

Na maioria das vezes, muitos deles têm conhecimento da Língua de sinais, divulgados em outros centros urbanos e amplamente divulgados por meio de dicionários on-line ou impressos por meio de canais de comunicação virtual e outros ambientes de comunicação. As Línguas de sinais por ser uma Língua viva, vivem em eterna metamorfose, sendo construída nas relações interpessoais. Essa relação pode ser visualizada na figura nº 01:

Figura 01: Adaptação – esquema da relação das Línguas de sinais e a L2 com a escola.



Fonte: Quadros (2004), Fernandes (2012), Gesser (2012).

A figura 01 mostra a realidade do aluno Surdo em um ambiente escolar no ensino médio, e fazendo o uso de uma Língua de sinais emergentes-L1, o mesmo irá passar por um processo de *transição (explicação nas identidades de transição), que é onde ele vai aperfeiçoar o uso da Língua brasileira de sinais-Libras, processo importante para alfabetização na Língua portuguesa L2.

De acordo com Figueiredo (1995) o campo de estudos e aprendizagem da segunda Língua também foi controlado pela teoria do behaviorismo, que reiterava que qualquer tipo de aprendizagem era consequência de uma série de costumes e práticas do cotidiano. Ao iniciar a aprendizagem de uma segunda Língua, o aprendiz já domina uma série de práticas culturais, conhecimentos linguísticos e lexicais, ou seja, na L1; algumas dessas práticas culturais contribuem de maneira significativa na aprendizagem da L2. Figueiredo (1995) explica que:

De acordo com a teoria behaviorista, a aprendizagem de L2 consiste, acima de tudo, em superar as diferenças entre os sistemas de L1 e de L2, e isto pode ser conseguido comparando-se os dois sistemas, uma atividade que é geralmente chamada de "análise contrastiva". Através da análise contrastiva, podem-se prever os itens linguísticos que causam maior dificuldade e os erros que o individual tende a fazer. E para que a dificuldade seja superada e os erros eliminados, podem-se usar 'técnicas' intensivas como repetições exaustivas de estruturas ou exercícios de substituição que diminuem a interferência e

promovem o estabelecimento dos novos hábitos necessários para se aprender a L2 (FIGUEIREDO, 1995, p. 47).

De acordo com Figueiredo (1995), A L1 não tem nenhuma interferência negativa na aprendizagem da L2, geralmente as falhas que ocorrem é comum e faz parte desse processo de aquisição da L2. Lamentavelmente, essa prática ainda é comum e reproduzida por professores que ensinam a L2, e pensam que ações de repetição são a melhor maneira para se aprender uma nova língua. Com certeza a experiência influencia na aprendizagem de cada pessoa, mas somente ela não é suficiente, outros fatores são importantes como constatam tantas outras teorias.

Quadros *apud* com Schmiedt (2006), aborda que o português, enquanto segunda Língua L2, a língua alvo, apresenta características de aquisição observados em processos de aquisição de outras Línguas, a segunda Língua apresentará vários estágios de interlíngua, isto é, no processo de aquisição do português, as crianças Surdas apresentarão um sistema que não mais representa a primeira Língua, mas ainda não representa a Língua alvo. A autora apresenta três estágios de interlíngua nesse processo quando o Surdo está aprendendo a Língua Portuguesa. Nesse sentido, Brochado (2002) afirma que a interlíngua não é;

Caótica e desorganizada, mas apresenta sim hipóteses e regras que começam a delinear outra língua que já não é mais a primeira língua daquele que está no processo de aquisição da segunda língua. Na produção textual dos alunos Surdos fluentes na língua de sinais, observa-se esse processo (BROCHADO, 2002, p. 34 *apud* SCHMIEDT, 2006, p. 186).

Algumas estratégias são essenciais para serem aplicadas na educação dos Surdos nesse processo de aprendizagem da Língua portuguesa como L2. Segundo Guerreiro (1996) e Figueiredo (2003) ao realizar tarefas no processo de aprendizagem de L1/L2, os alunos utilizam estratégias mediadoras que são ações ou meios que facilitam a sua realização. Entre elas, incluem o uso, por parte dos aprendizes, figuras, consulta a dicionários, conversas sobre procedimentos das tarefas, usar a Língua materna, etc.

De acordo com Ohta (2005) os aprendizes podem também aprender fora da sala de aula, interagindo com amigos e com outros aprendizes, especialmente em situações de intercâmbios. Além do mais, essa definição privilegia o contexto social interativo da sala de aula, devemos nos lembrar de que as pessoas podem também aprender uma L2/LE em interação com outras fontes, como livros didáticos e as fontes literárias.

Para Figueiredo (1995), mesmo com as semelhanças e diferenças na aprendizagem, as línguas podem ser semelhantes ou diferentes na sua estrutura fonologia, léxico, escrita, etc. muitas vezes as dificuldades encontradas na aquisição da L2 está nas habilidades de dominar a fonologia. Em relação aos Surdos, os mesmos têm muitas dificuldades em dominar a fonologia da Língua Portuguesa por ser uma Língua oral, a fonologia e estrutura linguística são bem diferentes das Línguas de sinais, que é visual espacial.

Para tratar dessa questão que envolve a aquisição da L2 ao fazer uso das línguas emergentes na hora de repassar alguma informação em libras para a Língua Portuguesa de forma escrita, foram realizados alguns questionamentos aos alunos Surdos que apresentaremos no tópico seguinte.

3.1 DIFICULDADES COM USO DE SIGNOS E A TRANSPOSIÇÃO PARA A MODALIDADE ESCRITA

A segunda pergunta elaborada aos alunos Surdos levou em conta a seguinte questão: Quais dificuldades você sente com a interpretação do intérprete de libras na compreensão do conteúdo e na escrita da Língua Portuguesa? (**Em libras**: intérprete de libras sala aula você

compreender conteúdo? Conseguir compreender sinal intérprete, também explicação professor, depois escrever papel conteúdo, consegue? Dificuldade sente sala aula, qual?).

As respostas foram as seguintes:

Sujeitos	Respostas em Libras	Tradução para a Língua Portuguesa
J.D	“Consegue, entender, provas responder, difícil palavras papel explicar portugues”. 	Eu consigo entender e responder a provas, o que eu acho mais difícil é escrever e explicar na língua portuguesa.
K.M	“Difícil texto escrever português, eu gostar matemática, consigo”.	Tenho dificuldades de escrever na língua portuguesa, eu gosto mais de matemática consigo responder.
R.F	“Entendo sinal bom, às vezes significado sinal confuso cabeça, texto tema não conhece nada, difícil”.	Eu entendo o sinais, mas quando não sei o significado fica difícil entender o tema que não conheço, as vezes confundi a cabeça.
T.H.	“entendo, bom sinal, palavras poucas papel, ruim textos.	Eu entendo os sinais, mas não sei significados das palavras na língua portuguesa, escrevo poucas, é ruim escrever textos.
M.L	“Sinal não entende, pede intérprete explicar, melhor, consegue responder, difícil redação sempre”.	Quando não entendo o sinal, peço para o intérprete explicar denovo, depois consigo responder, mas a redação é sempre difícil.
H.S	“Conseguo, ajuda amigo ouvinte e intérprete, responder escrever papel, sempre ajuda, intérprete bom”.	Consegue, mas sempre precisa da ajuda dos amigos ouvintes e intérprete de libras para responder qualquer questão na LP.

Fonte: Mota, 2020.

Diante das respostas foi possível chegar em uma subcategoria relacionada a essa relação dificuldades com a Libras ou Língua emergente e a L2 (Língua portuguesa escrita para Surdos): 1) A Língua Portuguesa é confusa para o Surdo.

3.2 A LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA É DIFÍCIL PARA O SURDO

Para os Surdos entrevistados a Língua portuguesa escrita, ou L2, é considerada como Língua confusa. Essa assertiva é comprovada com os trechos dos depoimentos a seguir de 5 (cinco) alunos Surdos, a maioria dos entrevistados:

[...] difícil palavras papel explicar portuguesa” (J.D).

“Difícil texto escrever português [...] (K.M).

[...] às vezes significado sinal confuso cabeça, texto tema não conhece nada, difícil” (R.F).

[...] palavras poucas papel, ruim textos (T.H).

[...] difícil redação sempre” (M.L).

Os alunos Surdos apontaram as dificuldades para desenvolver a escrita no geral, todos mostraram que entendem os sinais, mas na hora de repassar de forma textual a explicação, é bem mais difícil desenvolver a escrita na Língua portuguesa. As frases mais comuns foram: *difícil as palavras, difícil texto escrever, texto não conhece, difícil, ruim textos, difícil redação.*

Os Surdos demonstraram certa dependência seja de um colega ouvinte ou do intérprete de Libras na hora de responder uma determinada atividade em sala de aula; penso que essa

dependência ocorre porque o funcionamento das Línguas de sinais brasileiro, ainda é restrito ao intérprete de Libras, e sem falar que o Surdo precisa ser informado sobre o que está sendo solicitado pelo professor, que não é bilíngue. É importante ressaltar, que no mapeamento realizado nesta pesquisa os estudantes Surdos apontaram alguns sinais das Línguas de sinais emergentes-caseiros usado na escola pelos colegas ouvintes.

Outra observação apontada pelos Surdos, normalmente quando eles não entendem um determinado sinal, é mais difícil compreenderem o tema que está sendo proposto. Por Exemplo: se eles não têm nenhum conhecimento da área da “genética”, geralmente os sinais usados relacionados a essa temática não terá significados para eles, porque não fazem parte da vivência deles.

De acordo com Pereira (2009) as dificuldades encontradas pela maior parte dos estudantes Surdos, não se originam de lidar com os símbolos escritos, mas da falta de acesso a uma Língua organizada com base na qual possam desenvolver e construir a escrita. É importante lembrar, que a escrita das Línguas de sinais no Brasil, ainda não é uma realidade no Sistema de ensino do aluno Surdo.

Conforme Pereira (2009), nesse processo de produção textual, se o aprendiz não tem acesso às informações não visuais suficientes, muito pouco do texto podem ser esperados e assim, ele vai precisar obter mais informações de produção escrita. Por outro lado, não é possível ler um texto recorrendo apenas à informação visual. De acordo com Fernandes (2013), cabe ao professor incentivar o desenvolvimento da escrita dos alunos Surdos, usando materiais com recursos visuais, para que o Surdo sinta prazer e interesse em ler e escrever.

Conforme Meira (2018), as organizações linguísticas e gramaticais da Língua portuguesa são difíceis, afinal a Língua dos Surdos é outra, a Língua de sinais é visual e espacial enquanto a Língua portuguesa é auditiva e oral, pois os canais que recebem e emitem informações são diferentes. Essas diferenças têm uma consequência: no aprendizado da leitura e da escrita pelos Surdos, pois não seguem os mesmos caminhos e processos da pessoa ouvinte.

Para Fernandes (2013), o Surdo torna-se atrasado não porque não ouve ou por que usa Língua de sinais e sim, porque a escola e as políticas educacionais ignoram que o ensino dos Surdos têm como base o sistema linguístico visual. Conforme Ferreira (1993) é um mito dizer que a aprendizagem da leitura e da escrita pelo Surdo depende do estímulo auditivo e da utilização da Língua oral, isto é um grande engano. Porém, é importante ressaltar que o desenvolvimento da escrita exige competências diferentes da execução da sinalização.

De acordo com Quadros (1997), o estudante Surdo deve ter contato com a Língua escrita através de histórias contadas em Línguas de sinais, de textos, e através dos registros das tarefas realizadas em sala de aula, determinados pontos são importantes para o estudante Surdo iniciar a sua escrita, por exemplo, o assunto a ser ensinado preciso ser interessante, significativo, e estar de acordo com o nível linguístico desse aluno. A prática da leitura e escrita precisa fazer parte da rotina escolar dos alunos Surdos, os estudantes Surdos precisam ser oportunizados com atividades criativas com a exploração dos recursos visuais para que os mesmos possam se familiarizar com o texto. Conforme Quadros (1997) a escrita exige:

habilidades específicas que só podem ser desenvolvidas quando se tem o domínio da linguagem. Dessa forma, os Surdos precisam dominar a Língua de sinais, pois é nessa Língua que eles aprendem que palavras, frases, sentenças e parágrafos significam algo e que palavras devem ser situadas em um contexto (QUADROS, 1997, p. 99).

Segundo Figueiredo (1995) o sucesso no aprendizado da escrita e leitura da L2 depende do discernimento da Língua materna. A criança geralmente transfere para a nova Língua o sistema de significados que detêm e a L1 servirá como um tipo de “porta de

entrada” para L2. No caso dos estudantes Surdos, o aprendizado da Língua portuguesa-L2 dependerá do domínio da sua Língua materna que é a Língua de sinais. Segundo Quadros (1997), o hábito da leitura e escrita precisa perpassar o espaço das escolas e ser significativo para vida do estudante Surdo.

O uso das Línguas de sinais emergentes-caseiros entre Surdos e ouvintes nas escolas de ensino médio do centro urbano de Bragança, apesar das implicações positivas, ressalta-se que os estudantes Surdos devem se apropriar das Línguas de sinais autorizadas do país, até porque, nos espaços acadêmicos científicos, é exigido o uso da Língua brasileira de sinais-Libras, que é a Língua comumente usada pela comunidade Surda nesses ambientes científicos, porém é necessário que os profissionais que atuam diretamente com os Surdos, respeitem e valorizem as diferentes tipologias de línguas de sinais existentes e usadas pelo povo Surdo.

Outro apontamento importante, é que normalmente o amigo ouvinte, apesar de não ter nenhuma formação profissional e nem conhecimento da Língua de sinais autorizada-Libras, ele consegue comunicar-se habitualmente com o Surdo através do uso das Línguas de sinais emergentes-caseiros, pois normalmente esse colega acaba intermediando nas atividades desenvolvidas em sala de aula, conforme foi apresentado nesse estudo. As Línguas de sinais emergentes-caseiros exercem uma função social e linguística, mas, conforme afirma Quadros (1997), a escrita exige uma habilidade de domínio linguístico, e o Surdo não tem esse domínio na estrutura sintática da Língua portuguesa-LP/L2, que é Língua que exige a escrita formal no país. Por isso muitos estudantes Surdos apresentam dificuldades em desenvolver textos na língua portuguesa, pois a escrita e a sinalização exigem habilidades diferentes do aprendiz.

Porém, é importante frisar que as Línguas de sinais emergentes-caseiros é a maior prova que os Surdos, conforme nas palavras de Pelizzari (2002), não são como uma tábua rasa ou um recipiente vazio que o professor deve preencher, pois os estudantes sempre carregam alguma coisa consigo mesmos para a negociação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo objetivou analisar os signos emergentes-caseiros utilizados pelos Surdos do ensino médio do centro urbano de Bragança, e suas implicações/influências na aprendizagem desses alunos. Através das reflexões e discussões apresentadas ao longo do texto podemos considerar que o objetivo proposto foi satisfatoriamente alcançado, visto que existem implicações/influências na aprendizagem dos estudantes Surdos, como pontos positivos e negativos.

Nos resultados que envolvem as implicações do uso de signos emergentes no ensino médio para a aprendizagem dos alunos Surdos foram constatados por meio da entrevista com os estudantes Surdos do centro urbanos de Bragança, dois pontos: um positivo e um negativo. O positivo é que os Signos emergentes-caseiro são um sistema linguístico legítimo, tem valor real na cultura surda, e tem uma importância para afirmação da identidade surda, enquanto que o ponto negativo implica no impedimento do desenvolvimento da escrita dos estudantes Surdos.

A escrita exige uma habilidade que demanda um vocabulário mais amplo dos estudantes Surdos para a compreensão dos conteúdos apresentados nas salas de aulas. Na sua maioria, os Surdos investigados apontam as suas dificuldades para compreender sinais que os mesmos desconheciam os significados. Esse conhecimento (significados dos sinais) é necessário para discussões científicas nos espaços educacionais. A ausência de conhecimentos dos significados de vocabulários justifica a grave dependência dos estudantes para desenvolver a escrita. Este resultado nos convida a refletir cuidadosamente

sobre os pontos positivos e pontos negativos das implicações baseadas no uso dos Signos emergentes-caseiros na aprendizagem dos estudantes Surdos do ensino médio.

Ao serem questionados sobre quais as dificuldades encontradas em sala de aula, a maioria dos estudantes Surdos apresentou (dificuldades) para dominar a escrita na Língua portuguesa, porém o uso da Línguas de sinais emergentes-caseiros entre Surdos e ouvintes nas escolas de ensino médio do centro urbano de Bragança, não é impedimento para a interação entre os estudantes Surdos, conforme foi apresentado ao longo deste texto.

Nesse sentido, é necessário então, que seja oferecido um ensino que permita o desenvolvimento integral dos estudantes Surdos, de forma que o mesmo desenvolva toda a sua potencialidade e amplie seus vocabulários e reconheça os níveis das interações para poder transpor seus conhecimentos linguísticos e desenvolver a escrita na LP. É importante destacar, que os mecanismos adequados para o ensino da LP/L2 para estudantes Surdos devem ser a partir das explorações visuais, pois esses recursos contribuem para compreensão deste aluno, além da relevância das adaptações dos recursos usados na educação de Surdos, para evitar que a surdez seja justificativa como barreira na aprendizagem. O Surdo ao iniciar a sua vida escolar, não chega sem Língua no espaço educacional, conforme alguns autores afirmam.

Esse estudo aponta a existência das Línguas de sinais emergentes-caseiros, utilizadas pelos Surdos que vivem em centros urbanos e como esses sinais podem implicar/influenciar na aprendizagem do ensino. É necessário que os profissionais que atuam na área da educação de Surdos reflitam sobre os contextos e condições nos quais o processo de ensino-aprendizagem ocorre, e use as Línguas de sinais emergentes-caseiros do estudante Surdo positivamente, acolhendo as diferenças linguísticas, sem anulá-las.

As Línguas de sinais emergentes-caseiros exercem uma função social na vida da pessoa Surda, pois o Surdo a utiliza em alguns espaços sociais além do espaço escolar e familiar. É importante ressaltar que as dificuldades apresentadas pelos estudantes Surdos, não estão relacionados ao uso das Línguas de sinais emergentes-caseiros e sim as habilidades e competências linguísticas exigidas para o desenvolvimento da escrita, que conforme foi apresentado neste estudo, são habilidades diferentes da sinalização, pois os sinais produzidos pelos Surdos têm a mesma função da fala para o ouvinte, e ninguém escreve como fala, de acordo com alguns estudos realizados, pois ambas têm competências diferentes.

Nessa perspectiva, a partir do que foi discutido nesse estudo, sugerimos criarem-se novas políticas linguísticas que garanta a interação entre os usuários, e a valorização da diversidade linguística do povo Surdo que existe no Brasil. Visto que há sim uma única Língua de sinais autorizada no país, mas é importante ressaltar que ela não se realiza de uma única maneira, e sim através de diversas variedades e que concretizam as variações linguísticas. A língua de sinais emergentes-caseiros precisa ser vista como algo real, concreto que faz parte do cotidiano do povo Surdo, e que muda e se transforma de acordo com as mudanças sócio-histórico-ideológicas da sociedade em que está inserida e, como tal, apresenta-se como um seguimento contínuo e não como um objeto pronto e acabado que se usa sempre da mesma maneira em todos os contextos sociais. Precisa-se de um conjunto de políticas linguísticas que garantam as realizações das Línguas de sinais emergentes-caseiros de forma plena e sem preconceitos, assim como possibilitem criações de novas diretrizes para o seu uso no ensino, contribuindo para um desenvolvimento linguístico produtivo e eficiente para os estudantes Surdos de diferentes comunidades onde estão inseridos.

Portanto, acreditamos que este estudo poderá contribuir futuramente tanto para área da linguística quanto para profissionais que atuam diretamente com estudantes Surdos, assim como para surgimentos de novas pesquisas relacionadas ao processo de aprendizagem da pessoa Surda.

REFERÊNCIAS

BRAMMERTS, H. Tandem language learning via the internet and the International E-Mail Tandem Network. In: D. Little & H. Brammerts (Eds.), 1996, A Guide to Language Learning in Tandem via the Internet. **CLCS Occasional Paper**, 46. Dublin: Trinity College.

BROCHADO, Sônia Maria Dechandt. **A Apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da Língua de Sinais Brasileira**. 2003. Tese. (Doutorado em Letras). Área de Concentração: Filologia e Lingüística Portuguesa. Orientador: Dr. Rony Farto Pereira. UNESP. Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 2003. 431 f. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102476/brochado_smd_dr_assis.pdf?sequence=1. Acesso em: 20 nov. 2019.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: **Tempo Brasileiro/UFRJ/Departamento de Linguística e Filologia**, 1995.

FERNANDES, Leandro Andrade. **Empréstimo linguístico na libras: lematização de sinais puramente datilológicos no dicionário novo deit**- Universidade Federal de Uberlândia – UFU. 2019. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/download/843/pdf/> Acesso em: 10 out. 2019.

FERNANDES, E. **Problemas linguísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

FIGUEIREDO, Francisco José quaresma de. Vygostsky: **A interação no ensino/aprendizagem de línguas**. São Paulo: Parábola. 2019.

LEITE, Tarcísio de Arantes; QUADROS, Ronice Müller de. **Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação**. In: Estudos da Língua Brasileira de Sinais II. STUMPF, M. R; QUADROS, R. M; LEITE, T. A. (orgs.). Série Estudos de Língua de Sinais. V.II. Florianópolis: Insular. 2014.

MEIRA, Andrei Porto; SILVA, Priscila Custódio de Brito. **Leitura e escrita de surdos: dificuldades ainda enfrentadas na escolarização**. Educação Pública. ISSN: 1984-6290 - B3. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/20/leitura-e-escrita-de-surdos-dificuldades-ainda-enfrentadas-na-escolarizacao>. Acesso em: 16 mar. 2020.
MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. (org.). **Currículo: Políticas e Práticas**. Ed.13. Campinas, SP: Papirus, 2013.

OHTA, A. S. Applying sociocultural theory to an analysis of learner discourse: Learner-learner collaborative interaction in the zone of proximal development. *Issues in Applied Linguistics*, v. 6, n. 2, p. 93-121, 2005.

PELIZZARI, Adriana. Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. *Rev. PEC*, Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, jul. 2001-jul. 2002. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf> cesso em: 04 fev. 2019.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha (org.). *Leitura, Escrita e Surdez*. 2. ed. São Paulo: Editora FDE, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L.P. *Idéias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120p.

QUADROS, Ronice M. *Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais*. Porto Alegre: Penso 2017.

SANTOS, L. F. A disciplina de Língua Brasileira de Sinais no Ensino Superior. In: congresso brasileiro de educação especial, 4.; encontro da associação brasileira de pesquisadores em educação especial, 4. 2010. São Carlos.

TEIXEIRA, Alberto Martins. *E a Propósito, o Que é a Escola e Para Que Serve?*. 2000. disponível em <https://www.apagina.pt/?aba=7&cat=88&doc=7922&mid=2> Acessado em 05 jun 2019.

TESKE, O. Surdos: um debate sobre letramento e minorias. In LODI, A. C. B; FERNANDES, A. D. B, (Orgs.). **Letramento, Bilinguismo e Educação de surdos**. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.